

Miguel Ángel González Manjarrés (ed.), Praxi theoremata coniungamus. Amato Lusitano y la medicina de su tiempo. Salamanca: Guillermo Escolar Editor, 2019, 368 pp.; ISBN: 978-84-17134-95-2.

EMÍLIA M. ROCHA DE OLIVEIRA⁴ (*Centro de Línguas, Literaturas e Culturas (CLLC-UA), Universidade de Aveiro — Portugal*)

O volume em epígrafe reúne parte dos textos apresentados numa reunião científica internacional ocorrida na Universidade de Valladolid entre os dias 19 e 21 de novembro de 2017, sob o título «Amato Lusitano. Judaísmo y medicina práctica en el Renacimiento», a que se juntaram outros trabalhos propositadamente redigidos para esta publicação. Como salienta o editor, Miguel Ángel González Manjarrés (p. 12), o conjunto “constituye una aportación de primer orden a los estudios amatianos y una actualización y revisión de numerosos aspectos de la vida y obra del médico luso.”

As três partes que estruturam o livro correspondem a diferentes blocos temáticos. A primeira — “Universidad y ambiente médico” (pp. 21-46) — é a mais breve e aborda o contexto institucional, académico, social, religioso e médico em que Amato Lusitano se moveu (p. 14). No capítulo 1 (“El «ambiente» universitario en el entorno de Amato Lusitano”, pp. 23-34), Rica Amrán oferece-nos uma perspetiva geral do ambiente universitário vivido em Espanha desde o final do século XV, para, depois, dar especial enfoque à polémica que teve origem na revisão, entre 1569 e 1571, da *Biblia* de Vatable e que opôs hebraístas e latinistas na Universidade de Salamanca, onde o médico português estudou medicina.

O capítulo 2 (“Recursos de modernización de un escrito médico: los *Fundamenta medicorum* del converso toledano Álvaro de Castro. Con edición y traducción al español de la epístola del licenciado De Cañete”, pp. 35-46), centra-se nos recursos formais utilizados para modernizar os *Fundamenta medicorum* compostos pelo médico converso toledano Álvaro de Castro, espécie de manual conservado em forma manuscrita. A análise levada a cabo por María Teresa Santamaría Hernández coloca em evidência o uso de *excerpta* de traduções humanísticas de textos médicos e de cartas nuncupatórias de cariz huma-

DOI 10.34624/agora.v0i23.24484.

⁴ emilia.oliveira@ua.pt.

nístico. Com um núcleo textual procedente de obras médicas baixo-medievais, os elementos renovadores detetados nos *Fundamenta medicorum* são indícios da vontade de modernizar e atualizar a obra, ditada, muito provavelmente, pela necessidade de a adaptar a um ensino médico já distante das tendências e modelos formais baixo-medievais (p. 37). O estudo inclui a edição e tradução para espanhol de uma das cartas nuncupatórias do escrito, dedicada a Álvaro de Castro pelo licenciado De Cañete (que se presume médico).

Como afirma o editor na “Introducción” deste volume, a segunda parte — “Contexto, recorridos, estancias” (pp. 47-122) — aborda “temas y momentos que habrán de condicionar y matizar algunos datos” da vida de Amato aceites, até ao momento, sem reserva (p. 14). Para se contextualizar e compreender melhor a sua obra, é essencial estudar, a partir dos textos, as sucessivas movimentações do médico albicastrense. Os seus escritos, em especial as *Centúrias*, estão eivados de referências aos contextos políticos, económicos, religiosos e sociais que rodearam o autor e que, inevitavelmente, condicionaram a sua obra. Assim, no capítulo 3 (“*Universae gentis nostrae...: Amatus in Context*”, pp. 49-80) Eleazar Gutwirth, partindo de estudos prévios, faz uma análise aturada da influência que as doutrinas judaicas exerceram sobre Amato no que respeita à conceção e redação das *Centúrias* e reconstitui detalhadamente o contexto que o rodeou durante as suas permanências em Antuérpia e Ferrara, concretamente, as suas leituras, as bibliotecas disponíveis, os seus horizontes intelectuais e criativos e a sua ininterrupta relação com outros conversos. Esta análise oferece, segundo o A., uma oportunidade para recriar a cultura de Amato e de alguns conversos ibéricos no destino do grupo, o Império Otomano no século XVI.

No capítulo 4 (“*La Roma di Amato Lusitano (1550-1551). Attori, luoghi pratiche professionali e intellettuali*”, pp. 81-100), Elisa Andretta ocupa-se da viagem de Amato a Roma entre 1550 e 1551, uma de várias que fez por Itália antes de fugir para Pesaro. A A. propõe-se reconstituir esta etapa menos conhecida do percurso profissional e intelectual do médico quinhentista, a partir de uma análise e de uma contextualização das referências à cidade presentes nas *Centúrias*, à luz dos estudos recentes que atualizaram o conhecimento dos ambientes médico-científicos romanos do princípio da Idade Moderna. O texto interroga-se sobre as circunstâncias da chegada do médico,

as relações deste com a corte papal, os outros ambientes frequentados, as redes de contacto e proteção de que se socorreu e as relações mantidas com outros médicos, com particular atenção para os grupos dos chamados «neohipocráticos» e dos cirurgiões (pp. 81-82). Conclui Andretta que a breve permanência de Amato Lusitano em Roma lhe permitiu não apenas multiplicar a sua clientela e as suas redes de proteção, como também integrar a sofisticada dinâmica de sociabilidade intelectual urbana (p. 98).

No último capítulo da segunda parte (“Nuovi contributi su Amato Lusitano e Ancona (1547-1555)”, pp. 101-122), Luca Andreoni e Stefania Fortuna debruçam-se sobre os anos que Amato viveu em Ancona, desde a sua chegada à cidade italiana em 1547 à fuga para Pesaro em 1555, altura em que redigiu os comentários (*Enarrationes*) sobre o tratado *De materia medica* de Dioscórides e quase por inteiro as primeiras cinco *Centuriae*. Os AA. logram reconstituir aspetos da vida, da família e dos pacientes do médico luso, até ao momento, ignorados, e precisar cronologicamente as suas viagens a Veneza, Firenze e Roma, através de uma releitura das *Centúrias* e à luz da nova documentação arquivística disponível.

A terceira parte, a mais extensa e, de acordo com Miguel Ángel González Manjarrés, a “más sustanciosa del libro” aborda as *Centuriae* sob perspectivas distintas, “aunque podrían caber todas en la etiqueta «medicina, léxico, filología»”. Os trabalhos que configuram os primeiros quatro capítulos não apenas inspirarão investigações semelhantes como também contribuirão para uma melhor compreensão do processo de criação literária do médico “y su alcance teórico y profesional.” (p. 16) Vários são os temas médicos tratados na última parte deste volume. No capítulo 6, “Un’analisi semantica del termine *erysipelas*. Le *Centuriae* di Amato Lusitano nella tradizione dei testi dall’Antichità al Rinascimento” (pp. 125-144), Alessandra Foscati coloca em evidência a riqueza e complexidade semânticas do termo médico *erysipelas* e de outras expressões nosográficas com ele relacionadas, como *herpes esthiomachus*, a partir da descrição de alguns casos clínicos associados à doença a que Amato alude nas *Centuriae*. A A. analisa em particular o léxico usado pelo médico albicastrense, confrontando-o quer com a nomenclatura galénica que emerge das traduções latinas quinhentistas, quer com a tradição lexical medieval, quer ainda com os termos derivados de um contexto ‘popular’

(pp. 125-126), para mostrar que a terminologia usada por Amato para referir a doença é produto de influências diversas.

No capítulo seguinte (7, “Teorie e pratiche, definizione e terapia delle febbri nelle pratiche mediche cinquecentesche: l’esempio di Amato Lusitano e Pieter van Foreest”, pp. 145-178), Iolanda Ventura examina as relações complexas e variadas entre teoria e prática, entre *ratio* e *experientia* nas *curationes* e nos *scholia* que integram as *Centuriae*, assim como nas *observationes* e *scholia* que compõem as *Observationes* de Pieter van Foreest. A A. debruça-se, especificamente, sobre uma categoria de patologias, as febres, em que a interpretação dos sintomas, a definição e classificação das tipologias de febre, a elaboração do diagnóstico, a previsão da evolução clínica e a busca do tratamento adequado para o paciente implicam e exigem da parte do médico e autor a implementação e descrição escrita de esquemas lógicos complexos, que lhe permitam tornar essa descrição uma estratégia explicativa e pedagógica (p. 148). Desmontando os esquemas lógicos de Amato por confronto com a estratégia discursiva adotada por Pieter van Foreest, Iolanda Ventura mostra que a relação entre o conhecimento e a prática, entre a doutrina escrita e a realidade quotidiana é variada e multidirecional, dependendo, afinal, “del caso, della posizione dell’autore, dello stadio di sviluppo di una *methodus medica* durante il Cinquecento.” (pp. 145-146)

María Jesús Pérez Ibáñez, em “Amato ante el morbo gálico” (capítulo 8, pp. 179-200), aborda uma das enfermidades mais discutidas durante o Renascimento, o *morbus Gallicum*, que a ciência médica contemporânea haveria de conhecer por ‘sífilis’. Com o intuito de melhor contextualizar o tema, a A. evoca a variedade de interpretações sobre a origem da enfermidade e o debate em torno de questões associadas à sua concetualização e descrição. Faz, ainda, um estudo das diversas denominações do mal, destacando as adotadas por Amato Lusitano. Através do estudo das *curationes* das *Centuriae* relativas ao *morbus Gallicus*, Pérez Ibáñez conclui que ao médico Português interessa mais a vertente prática da doença, porquanto centra o seu discurso nos recursos terapêuticos disponíveis e na sua eficácia, do que o estudo teórico — em que caberiam a tipificação da doença ou a discussão sobre o nome —, não obstante a erudição demonstrada no manejo de fontes médicas contemporâneas, como Leoniceno, Vesálio e Fracastoro.

No capítulo 9, “*Cur octimestris foetus non vivit? Amato Lusitano y los partos prematuros*” (pp. 201-226), aborda-se o último dos temas médicos estudados neste livro. Victoria Recio Muñoz parte da ideia amplamente difundida desde a Antiguidade, e que ainda hoje se mantém entre algumas mulheres grávidas, de que um parto ocorrido aos oito meses de gravidez é muito mais perigoso do que um parto aos sete. Ao longo dos séculos, a literatura médica foi explicando a tese com base em argumentos de índole diversa (fisiológicos, astrológicos e numerológicos). Depois de percorrer os textos médicos antigos, medievais e renascentistas que trataram o tema, a A. analisa detalhadamente a *curatio* 4.72 e os respetivos *scholia*, para averiguar que elementos da tradição foram incorporados pelo médico luso no seu comentário.

Os três últimos capítulos constituem estudos de natureza vincadamente filológica. No estudo “*Utinam Cornarius [...] nominibus uteretur Graecis* (Cent.1.9). Las preferencias léxicas de Amato Lusitano” (capítulo 10, pp. 227-236), Enrique Montero Cartelle, partindo da crítica de Amato Lusitano (*Centuria* 1.9) ao modo como Jano Cornário traduz os termos técnicos médicos, examina as opções lexicais amatianas no contexto de uma ampla polémica que dividiu os humanistas da sua época entre aqueles que preferiam uma terminologia médica de origem grega (quase sempre baseada na tradição) e os que optavam pela recuperação ou criação de nomenclatura quase exclusivamente latina. Conclui a A. que, no fundo, esta polémica entre o uso do helesmo ou do latinismo em medicina nos informa dos esforços envidados pelos médicos renascentistas para encontrarem “uma lengua técnica unívoca y puramente referencial baseada en las fuentes clásicas griegas.” (p. 236)

A primeira *curatio* de Amato, em que se relata o caso de uma jovem mordida por uma víbora, é objeto de estudo dos dois últimos capítulos. Carlos de Miguel Mora, em “Amato Lusitano, Gesner, Aldrovandi y la mordedura de víbora” (capítulo 11, pp. 237-250), começa por chamar a atenção para a peculiaridade do caso clínico de Amato, remetendo-nos para a conjectura que havia feito em estudo anterior, apoiado em diversas pistas textuais: o médico luso preconiza o uso de um remédio pouco conhecido para a mordedura de víbora, o freixo, mais por uma recreação da sua memória apoiada em leituras que fizera (em especial, de Aécio de Amida) do que por um emprego real e efetivo do remédio. (p. 240) Baseado numa análise intertextual,

neste trabalho, o A. defende a tese de que, paradoxalmente, foi graças à sua utilização teórica num caso real de prática médica (ainda para mais, relatado no início da obra) que o freixo alcançou lugar de destaque nos tratados de Gesner (*Historia animalium*, 1587) e Aldrovandi (*Serpentum et draconum historiae libri duo*, 1640), dois dos mais prestigiados autores sobre farmacologia animal dos finais do século XVI e meados do século XVII. Ao usarem o caso clínico de Amato como fonte para demonstrar os benefícios práticos do freixo contra o veneno de víboras, os autores converteram-no numa referência obrigatória para qualquer médico erudito que quisesse conhecer os remédios mais eficazes na cura da mordedura de víbora.

No derradeiro capítulo do livro, “El primer caso clínico de Amato Lusitano: uma mordedura de víbora. Edición crítica y traducción” (capítulo 12, pp. 251-286), Miguel Ángel González Manjarrés toma como exemplo a mesma *curatio* de Amato, com o intuito de dar a conhecer o trabalho filológico (edição, tradução e anotação) que o grupo de investigação da Universidade de Valladolid *Speculum medicinae* tem levado a cabo com as *Curationum medicinalium centuriae* de Amato Lusitano (p. 19). Um estudo prévio, de carácter introdutório, acompanha a edição crítica e a tradução espanhola e anotada da referida cura (pp. 270-281). Integram-no várias secções: contextualização temática da obra, pp. 252-255; fontes usadas por Amato (autores antigos, mas também coevos, como Leoniceno e Mattioli) e pervivência noutros autores (sobretudo os estudados no capítulo precedente, Gesner e Aldrovandi), pp. 255-258; língua e estilo do latim amatiano, pp. 259-262; estudo aturado de todas as edições das *Centuriae*, com estabelecimento de relações textuais, pp. 262-266; explicação prática dos critérios adotados para a fixação do texto, que parte da *editio princeps* (1551), mas que se corrige com recurso às restantes edições sempre que se considera necessário, pp. 266-269. Ao texto latino aduziu-se o aparato crítico correspondente, um aparato de fontes (expressas ou ocultas), paralelos e pervivência ou influências. No final, apresenta-se um breve glossário de ingredientes e preparados medicinais (pp. 282-286).

De enaltecer é a inclusão, no final, de uma oportuna “Cronología de Amato Lusitano” (pp. 287-306), da extensa e pertinente “Bibliografía” (307-336), de um “Index” remissivo de autores e temas e das *tabulae* de “*Curationes citadas*” (pp. 359-360) e “*Manuscritos citados*” (p. 361), que não apenas são

de grande utilidade para o leitor, como vêm sublinhar o imenso cuidado colocado na organização deste livro.

Em suma, a diversidade e o rigor científico dos estudos que compõem o volume em recensão convidam a múltiplas e elucidativas leituras e fazem dele, a partir de agora, uma referência incontornável para o estudo da vida e da obra de uma das figuras maiores da literatura médica e da ciência renascentistas.

Fabio Tanga, Plutarco. *La virtù delle donne (Mulierum virtutes). Introduzione, testo critico, traduzione italiana e note di commento, Leiden & Boston, Brill, 2019, lxxx+270 pp. ISBN 978-90-04-40803-6.*

JOAQUIM PINHEIRO (*Universidade da Madeira; Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra – Portugal*)⁵

A colecção Brill's Plutarch Studies, na secção Brill's Plutarch Text Editions, publica a mais completa edição do tratado *Mulierum virtutes* de Plutarco. F. Tanga, na linha da conceituada escola filológica italiana, demonstra o seu conhecimento da obra de Plutarco e, em particular do tratado *Mulierum virtutes*, ao qual dedicou vários estudos. Além disso, este trabalho não seria possível sem o domínio das metodologias próprias da ecdótica e da crítica textual. Assim, a cuidada colação dos quinze manuscritos, a par da elaboração de um *stemma codicum* (p. xliii), permitiu editar com muito rigor o texto grego. Para o estabelecimento do texto grego foram tidos em conta, sobretudo, os códices Vindobonensis phil. gr. 46, Ambrosianus C 126 inf., Parisinus gr. 1671, Parisinus gr. 1672, Vaticanus Urbinas gr. 99 e Vaticanus gr. 1676. Bastaria este facto para saudarmos esta publicação, mas ela tem outros méritos.

Provavelmente composto na primeira metade do segundo decénio do século II d.C., o tratado *Mulierum virtutes* perscruta a natureza feminina, tal como outros tratados de Plutarco (*Preceitos conjugais, Conselhos à esposa* e, parcialmente, o tratado *Erótico*). Por conseguinte, valoriza-se a figura feminina no contexto familiar e na relação conjugal, enfatizando-se várias temáticas que demonstram a complexidade dessa relação (n. 82, p. xxi-xxii). Nesta

DOI 10.34624/agora.v0i23.24475.

⁵ pinus@uma.pt.